



PSICANÁLISE

Vera Lamanno-Adamo

Narciso sob tinta

Fisgando o humano

Blucher

NARCISO SOB TINTA

Fisgando o humano

Vera Lamanno-Adamo

Narciso sob tinta: fisingando o humano

© 2023 Vera Lamanno-Adamo

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Alessandra de Proença

Preparação de texto Ana Fiorini

Diagramação Iris Gonçalves

Revisão de texto Helena Miranda

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa Vera Lamanno-Adamo

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lamanno-Adamo, Vera.

Narciso sob tinta : fisingando o humano / Vera
Lamanno-Adamo. – São Paulo : Blucher, 2023.

262 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-691-3

1. Psicanálise. – Crônicas. I. Título.

23-2261

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. Inácia	9
2. Narciso sob a tinta	13
3. O íntimo, o estranho e o duplo no mundo digital	23
4. Elogio ao estranho	33
5. A mulher do segundo andar	37
6. <i>Libertas quae sera tamen</i>	41
7. O desejo e a busca do estrangeiro na adolescência: o si mesmo em deslocamento	47
8. Reflexão sobre masculinidades	53
9. Uma poética do feminino: considerações sobre uma certa hora perigosa	61
10. <i>Sob a pele</i> : considerações sobre o funcionamento protomental	75
11. Sobre <i>A história dos ossos</i> : uma história de desenlutamento	81

12. Trabalhando com casais em tempos de distanciamento social: conversando sobre a técnica	93
13. Família e refúgio psíquico	111
14. E <i>Depois da tempestade</i> ?	127
15. Desbravando o pensamento selvagem	137
16. Psicanálise em tempos de <i>krâsis</i>	149
17. Dialeto e linguagem própria no diálogo psicanalítico	161
18. Centelhas de areia na ampulheta do tempo	175
19. Desejas a imortalidade?	177
20. Notas sobre o tédio	189
21. O analista, o cineasta e a arte de esculpir tempos	195
22. Desautorização e suborno da intimidade entre Jacobo e Marta	215
23. <i>Jóias brutas</i> e o fracasso em ser	229
24. Notas sobre opressão, homogeneização e visiofilia	237
25. Transitivo e intransitivo na clínica psicanalítica	251

1. Inácia

O percurso de todo analista contém acontecimentos maiores que impulsionam e, secretamente, mantêm nosso desejo de ser analista e de pertencer a uma instituição que mantêm vivo o tipo de conhecimento que a psicanálise produz. Às vezes, conseguimos recuperar a lembrança de alguns desses acontecimentos, e mais do que uma vez, e em cada uma das rememorações alcançamos um maior esclarecimento a respeito de nossa escolha.

Anos atrás, uma aluna do Curso de Especialização em Adolescência, na Unicamp, me presenteou com um livro. Fui para a cantina tomar um café e comecei a folheá-lo. Encontrei uma poesia:

*Todas as vezes que eles
Viajavam de perua,
Deus ia junto.
Ele tentava falar,
Mas todo mundo era surdo.*

Neide

Quis saber mais sobre a Neide, sobre o livro. E fiquei sabendo que aquela poesia era uma entre dezenas de outras criadas por doentes mentais de um grande hospital psiquiátrico. Naquele momento, ali, com a poesia da Neide, recuperei a memória de um encontro com uma paciente severamente perturbada durante minha vida universitária.

Era 1978.

Inácia era negra, baixinha, muito magra. Imagino que devia estar internada naquele grande manicômio desde a sua juventude. Ela passava a maior parte do tempo no quarto. Não saía do quarto. Ficava deitada ou sentada na cama olhando para as paredes, falando sozinha. Fico com a impressão de que ela passou grande parte de sua vida falando sozinha.

Fomos todos avisados no início do estágio de que não deveríamos nos aproximar daquela mulher, porque, na melhor das hipóteses, ela se manteria calada, mas na maioria das vezes ela ficava muito brava e partia para uma agressão física.

No primeiro dia de estágio recomendaram: “Deixem essa paciente no seu canto. Deixem essa paciente quieta porque senão ela fica muito brava”.

Um dia, quando passava em frente ao quarto, ela estava sentada na cama olhando para a parede, completamente absorta em seus próprios murmúrios. Foi então que me imbuí de certa coragem e resolvi transgredir. Entrei no quarto e me coloquei silenciosamente ao lado dela. Ela olhou para mim. Ficou alguns minutos em silêncio. Fixou os olhos dela nos meus. Então disse: “Menina! Você está perdidamente apaixonada”.

Fiquei muito surpresa, com medo, completamente sem saber o que responder. Não esperava daquela mulher qualquer lucidez, muito menos que pudesse adivinhar o que se passava comigo. Ela estava perfeitamente correta. Eu estava mesmo perdidamente apaixonada.

E então ela continuou: “Isso é uma coisa tão gostosa, eu também já fui apaixonada um dia. Eu me apaixonei tanto que queria me jogar no rio e levar meu namorado comigo”.

Não consigo me recordar do que se passou comigo naquele instante, devia estar completamente aturdida com o inesperado jorro de vida que emergiu da mulher que todos consideravam completamente insana. Mas nosso encontro não acabou aí, nosso diálogo foi um pouco além. Antes de se enterrar de novo, me perguntou, sempre me olhando nos olhos e de um jeito meigo e singular: “Existe lugar mais lindo para se guardar um grande amor do que o fundo de um rio?”.

Quando me lembrei desse momento de minha vida, ao ler a poesia da Neide, ficou claro para mim como esse encontro foi capaz de promover uma vinculação significativa entre dois desejos que me habitavam desde a adolescência: o desejo de conhecer a natureza humana e a minha vontade de ser escritora.

Inácia, a mulher louca que deveria ser mantida à distância, era poeta sensível. Só uma alma sensível pode alcançar o que ela alcançou: existe lugar mais lindo para se guardar um grande amor do que o fundo de um rio?

Pensando agora, em retrospectiva, acredito que esse encontro com Inácia nos primórdios de minha escolha profissional estimulou uma curiosidade que me acompanha até hoje: como é que se dá esse grande salto da matéria à imaginação? Como entender esse limite tão estreito e fugaz entre a loucura e a genialidade?

Hoje, a lembrança de meu encontro com Inácia retornou e me ajuda a definir um aspecto essencial do encontro analítico.

Ali, naquele manicômio, com aquela mulher dada como psiquicamente morta, descobri um encontro capaz de alcançar o desejo não tão morto assim.

O meu breve e duradouro encontro com Inácia me ajuda a definir o que ambiciono num encontro analítico: um encontro capaz de encontrar, um encontro que se situa na contracorrente do conforto alcançado no “quarto alienante”. O quarto alienante deixa a loucura no canto e mantém a palavra desvitalizada, lenta, desinvestida, monótona, nula.

O encontro capaz de encontrar subverte o quarto alienante e permite metamorfose.

2. Narciso sob a tinta¹

Por que apresentamos, publicamos, divulgamos experiências vividas na clínica? Escreve-se porque aquele algo da experiência vivida pode ser útil para pensarmos o que falta, o que ainda não foi dito? Escreve-se por conta do espanto? Para exaltar o próprio ato de escrever? Para “provar” um ponto de vista? Para alcançar reconhecimento entre os colegas? Para legitimar a experiência vivida? Para abrir um espaço onde se está sempre a desaparecer? Para modificar a própria experiência vivida? Para dar o suporte necessário à transmissão da experiência? Para dar vida e voo ao Narciso sob a tinta?

Escreve-se porque nada mais poderia ser dito se não por meio do ato de escrever.

Uma paciente frequentemente dizia que a grande preocupação de um poeta era saber se aquilo que havia escrito era poesia. Na poesia, salientava, o autor está praticamente imperceptível. Por isso, insistia em afirmar que: “a crônica, uma espécie de diário, é considerada uma

¹ Texto publicado no *Jornal de Psicanálise*, 50(92), 91-97, 2017. Recuperado em 9 de maio de 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v50n92/v50n92a07.pdf>

escrita de segunda categoria; na crônica o escritor está todo lá, sem nenhuma invisibilidade”. Para ela, poesia era fruto de um processo intelectualivo altamente planejado e consciente, completamente desligado da pessoa do autor. O autor estaria completamente desaparecido por trás de sua obra.

Esse argumento sobre o que considerava ser poesia era condizente com o seu ideal de eu fundamentado numa espécie de assepsia do ser. Obstínada a rejeitar qualquer alteração em si, nunca ou muito raramente perdia a paciência. Jamais uma palavra áspera para alguém. Não se queixava, não reclamava, não criticava ninguém, não se zangava com ninguém de maneira evidente. Não mostrava qualquer desapontamento em relação a mim ou em relação às pessoas de sua convivência.

Um dia ela me trouxe uma de suas poesias e ficou absolutamente inquieta ao perceber a totalidade de sua presença naquilo que escrevera. Desejo, conflito e fantasia estavam todos lá. É certo que estavam lá sob a tinta e meio de canto, nas entrelinhas, enviesados.

A escrita centrada no sujeito é antiga. Falar de si, ser o protagonista de sua narrativa é tão antigo quanto a humanidade, porém, como categoria literária, adquire seu estatuto a partir do Iluminismo. Somente a partir desse período as chamadas narrativas confessionais, intimistas ou escritas do eu (autobiografias, memórias, diários, cartas) passam a ser consideradas escritas literárias. O mito de Narciso tem sido utilizado como metáfora dessas escritas, por serem modalidades discursivas centradas na expressão de um *eu* que se desnuda diante da página em branco (Bezerra, 2011).

Cada vez que colocamos no papel uma experiência clínica, a questão da inclusão e exclusão do narrador naquilo que escreve se apresenta.

Tomado por um ideal de assepsia, envolto numa espécie de armadura, escreve-se um texto inteligente, erudito, controlado. Quase

nada se transmite de si para si, de si para o outro. Uma escrita imóvel, estática, uma narrativa que não se abre para o desconhecido, aquele desconhecido que entra e inquieta e atrapalha.

Se eu tivesse que advogar sobre os escritos da clínica psicanalítica, eu defenderia a ideia de que fossem menos erudição e mais crônica.

A palavra crônica se origina do latim chronica e do grego khronos (tempo). O significado principal nesse tipo de texto é precisamente o conceito de tempo, ou seja, é o relato de um ou mais acontecimentos em um determinado período. É a narração do cotidiano das pessoas, fazendo com que se veja de uma forma diferente aquilo que parece óbvio demais para ser observado. Uma boa crônica é rica nos detalhes, descritos pelo cronista de forma bem particular, com originalidade. (Crônica, 2003)

Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base da crônica. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá a eles um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não contém.

Com base nisso, o cronista pode ser considerado o poeta dos acontecimentos do dia a dia. A crônica, na maioria dos casos, é um texto curto e narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está “dialogando” com o leitor, não está falando do “alto”. Está sentado ao lado do leitor num meio-fio.

Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo. Ele está, na verdade,

expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

O cronista Werneck (2011), na abertura de seu livro *Esse inferno vai acabar*, afirma que em Minas Gerais não acontece nada, mas o pessoal se lembra de tudo. Nessa frase está contida uma das mais instigantes definições do gênero. O não acontecimento, o comezinho, a miudeza que são a matéria-prima da crônica.

A repórter Eliane Brum, anos atrás, foi escolhida por Marcelo Rech (2006), um diretor de redação que buscava inovação para o jornalismo brasileiro, para um desafio: extrair crônicas reais de pessoas comuns e situações corriqueiras. Ela capturou a ideia e escreveu uma série de reportagens sobre personagens e cenas cotidianas em forma de crônicas da vida real, transformando-as numa coletânea de 46 colunas por quase onze meses.

As reportagens/crônicas foram posteriormente publicadas em *A vida que ninguém vê* (Brum, 2006). Aí encontramos uma repórter que não está à procura do espetacular, mas de histórias escondidas na vida anônima de cada um. A vida que ninguém vê, mas que Eliane viu, é um mergulho no cotidiano para provar que não existem vidas banais.

Com olhos e ouvidos abertos e aguçados diante da informação em estado bruto, Brum conta sobre o Adail que quer voar; sobre o colecionador das almas sobradas; sobre o chorador da cidade; sobre o gaúcho de cavalo de pau; sobre o homem que come vidro, e assim por diante.

Não consigo deixar de trazer com mais detalhes algumas de suas crônicas, não só pelas histórias propriamente ditas, mas, em especial, pela narrativa cortante e densa de retalhos de vida que, talvez, para

muitos repórteres não passariam de algo muito comum para ser retratado e relatado.

A linguagem poética, essa linguagem que se cumpre sem um total planejamento intelectual/consciente, inspira continuar falando de uma voz que não quer se apagar. Quanto mais se vê, mais se quer enxergar.

“Adail quer voar”: ele chegou ao Rio Grande do Sul apavorado, num ônibus de molas cansadas, emerso da serra gaúcha, onde tinha as mãos manchadas pelo sangue dos pinheirais. Chegou apavorado porque o único avião que vira na vida estava estraçalhado nas encostas de Canela:

Chegou com a mala vermelha, de couro, meia dúzia de tarecos dentro, grudada no corpo. Estaqueou na porta do aeroporto, naquele tempo metade do que é hoje, mas já enorme para ele. E se recusou a entrar. Os colegas o empurraram. E Adail entrou aos tropeços. Com a sua mala desajeitada, sem um bilhete de viagem. Iniciou ali, naquele alvorecer de outubro de 1963, uma jornada sem sair do chão que dura até hoje. E tornou-se o que seria para o resto de sua vida. Adail tornou-se “o negão” das bagagens. (Brum, 2006, p. 13)

“O colecionador das almas sobradas” dia após dia peregrina pelas ruas de Porto Alegre, recolhendo pedaços da cidade. Vai de lixeira em lixeira, até onde alcança, recolhendo pedaços de pau e de canos, ventiladores estragados, vasos quebrados, brinquedos abandonados:

O número 81 da rua Bagé é o castelo de um homem que inventou um mundo sem sobras. Dando valor ao que não tinha, Oscar Kulemkamp deu valor a si mesmo.

Colecionando vidas jogadas fora, Oscar Kulemkamp salvou a sua. Talvez seja esse o mistério do número 81. E talvez por isso seja tão assustador. (Brum, 2006, p. 27)

Em “O chorador”, a cronista nos leva a conhecer um pouco de Tierri, um mestiço nascido nos pampas. Tierri é o chorador da cidade:

Tierri chora os mortos não porque alguém tenha pedido nem porque algum parente tenha pago. Não por contrato, mas por gosto. Tierri o faz porque não chorar os mortos é ofender os vivos. Porque chorar a morte é sua missão na vida [...] é essa a missão de Tierri, de quem às vezes o povo ri ou judia. Esse Tierri humilde, que muita gente arrelia, entendeu que não havia nada mais nobre do que dar importância na morte mesmo a quem não a teve na vida. Ele, que conhece na pele e na herança a desigualdade da sina, inventou um jeito de igualar a todos pelo menos no último dia. (Brum, 2006, pp. 43-44)

“O homem que come vidro” foi batizado Jorge Luiz Santos de Oliveira. Eliane o conheceu em frente ao Mercado Público de Porto Alegre. Tinha o sonho de ganhar a vida comendo vidro. Comer vidro o tornaria um ser único no mundo. Passou a deglutir garrafas de cerveja, de conhaque e até champanha. Transformou-se, como diz seu desajeitado cartaz de papelão, no Homem de Aço, mas não teve público, todos estavam ao redor de um índio que mostrava um lagarto vivíssimo dentro de uma caixa e vendia umas pomadas milagrosas vindas, garantia ele, diretamente da Amazônia. Jorge Luiz não entendia. Não entendia:

Não entendia por que as pessoas preferiam ver um lagarto sem graça fazer coisa nenhuma a assistir a um homem

comer vidro, deitar-se sobre vidro, caminhar sobre vidro. O Homem de Aço não estava preparado para a maior de todas as dores: a da invisibilidade. (Brum, 2006, pp. 83-84)

Encantou-me, sobretudo, a primeira história do livro de Brum, “História de um olhar”. Começa assim: “o mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva” (Brum, 2006, p. 10).

As histórias de Brum não são mostradas de forma completa, inquestionáveis, fechadas, estáticas. Pelo contrário, com o olhar inspirado no cotidiano e uma escrita poética, suas histórias nos inquietam, envolvem e nos despertam para outras histórias, ideias e pensamentos. Lê-se uma história e já se quer uma outra e outra mais. Sua arte foi transformar sensivelmente a realidade em crônicas poéticas. O resultado é uma conversa que revela a humanidade dos personagens e a sua própria.

E me lembro, agora, do texto de Judith Andreucci (1979): “Aquele olhar: vivências psicanalíticas com alguém que não podia ver”. Começa assim:

Aquele olhar foi o que me intrigou ao fitar a paciente pela primeira vez. Moça de feições bonitas, ou melhor, lindas, mas que se diluíam com o impacto que causavam seus olhos, azuis, opacos, fechados, parados, olhos cegos sem expressão, olhos mortos . . . pareciam implantados no rosto, quais olhos de vidro. Não me viam, não viam nada, não deixavam ver. Os cegos não veem, mas expressam-se pelo corpo inteiro. Têm mil olhos. A jovem, a quem me refiro, não era fisicamente cega, mas seu olhar parecia

conter todas as cegueiras. À medida que a ia observando, parecia-me que toda ela era velada, pétrea, impassível. A voz, sem timbre, dava-me a impressão de um crepitar de folhas secas num chão ressequido. Não havia entoação, era igual, no mesmo diapasão, voz sem vida . . . um arremedo de sorriso, ou antes, uma fissura estranha, por vezes, entreabria-lhe os lábios finos, sem expressão. Toda ela tinha o ar imóvel, hirto, de uma estátua de granito fñcada num mausoléu. Apenas um movimento: sentava-se no divã (somente se deitou no último período da análise), na posição de um buda, mascando chicletes, com os quais fazia bolas com a boca e as estourava num crepitar monótono, incessante. Havia saído há pouco de um sanatório ou não havia saído? Não fazia, aparentemente, diferença . . . (Andreucci, 1979, p.345, 346)

A situação cotidiana, miúda, quase corriqueira que se instala no processo analítico é também a matéria-prima da escrita psicanalítica. Um trabalho com o miúdo, com “resíduos”, com “restos” de sessões, uma espécie de resto diurno atuando no trabalho do sonho do narrador.

Numa linguagem poética, Judith comunica ao leitor, numa profunda e íntima relação com a experiência vivida, os diversos estranhos estados de mente expressos, sobretudo, pelo olhar da paciente. Por meio desta experiência, apresenta e discute a situação dramática de uma jovem impedida de movimento mental criador. A experiência clínica, diz Judith, consegue modificar até certo ponto a visão deformada da paciente, auxiliando-a a caminhar até onde seus olhos suportaram ver.

Trata-se de uma clínica e de uma escrita móveis, transitivas, inquietantes. Uma escrita, como diria Giovannetti (2012, p. 246), que “estimula a um êxodo sem um Deus e sem uma terra prometida”.

Quando li pela primeira vez esse texto da Judith, pensei: um texto psicanalítico em forma de poesia. Anos depois, numa releitura, considerei ser a construção poética de uma psicanálise e de uma escrita analítica. Hoje, considero esse texto um híbrido, um misto de ciência, poema e crônica. Fundamentada em Freud, Klein e Bion, Judith, em linguagem poética e como uma boa cronista, descreve no calor de cada sessão analítica, dentre outras preciosidades, o confronto e o manejo com uma paciente que evidencia estar sofrendo grave desastre mental, em estado de choque traumático. Por meio de uma escrita literária, mostra a fragilidade humana da analista, a renúncia ao desejo de cura e as ilusões onipotentes e oniscientes, constantemente em cena.

Um dia eu disse a Judith o quanto havia gostado daquele seu texto, “Aquele olhar...”, e ela me contou que não queriam publicá-lo, pois aquilo não era um texto psicanalítico, aquilo era poesia. Mas publicaram.

Referências

- Andreucci, J. T. C. (1979). Aquele olhar: vivências psicanalíticas com alguém que não podia ver. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(3), 345-354.
- Bezerra, L. S. (2011). *A escrita itinerante de Maria Ondina Braga: autobiografia, ficção e memória* [Tese de Doutorado, Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro].
- Brum, E. (2006). *A vida que ninguém vê*. Arquipélago.
- Crônica. (2023, 15 de março). In *Wikipedia*. Recuperado em 4 de abril de 2023, de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Crônica_\(gênero\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crônica_(gênero)).

- Giovanetti, M. F. (2012). Considerações sobre a escrita psicanalítica. *Revista Ide*, 34(53), 243-248. Recuperado em 10 de maio de 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v34n53/v34n53a21.pdf>
- Rech, M. (2006). Prefácio. In E. Brum, *A vida que ninguém vê*. Arquipélago Editorial.
- Werneck, H. (2011). *Esse inferno vai acabar*. Arquipélago Editorial.



Cada vez que colocamos no papel uma experiência clínica, a questão da inclusão e exclusão do narrador se apresenta. Tomado por um ideal de assepsia, envolto numa espécie de armadura, escreve-se um texto inteligente, erudito, controlado. Quase nada se transmite de si para si, de si para o outro. Uma escrita imóvel, estática, uma narrativa que não abre para o desconhecido, aquele desconhecido que entra e inquieta e atrapalha.

Se tivesse que advogar sobre os escritos da clínica psicanalítica, defenderia que fossem menos erudição e mais crônica. As crônicas apresentam uma linguagem aberta, espontânea, situada entre a livre oralidade cotidiana e a precisa brevidade poética. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista, que acaba se tornando o porta-voz daquele que lê.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-691-3



9 786555 1066913



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Narciso sob tinta

Fisgando o humano

Vera Lamanno-Adamo

ISBN: 9786555066913

Páginas: 262

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
